

## Onda de desânimo se espalha pela indústria

Uma onda de desânimo vem tomado conta do setor produtivo e, aos poucos, o pessimismo começa a se traduzir em redução de investimentos e demissões. Na expectativa do anúncio da nova política industrial do governo, representantes de diversos segmentos da economia ouvidos pelo jornal O Globo (incluindo calçadista, têxtil, de plástico e papel) afirmam que a agenda econômica empacada no governo e a persistência de problemas como câmbio, inflação e turbulência internacional podem até não afetar o crescimento da economia neste ou no próximo ano (estimado em 4%), mas cobrarão a fatura no futuro.

O Índice de Confiança do Empresário Industrial (Icei), da Confederação Nacional da Indústria (CNI), mostra que, em dez setores, houve queda no otimismo em junho, frente ao mesmo período do ano passado. Alguns dos indicadores são os mais baixos desde 2006. É o caso, por exemplo, do setor têxtil, no qual já foram registradas 354 demissões em maio. Essa indústria e a de calçados, que registrou o fechamento de 3.417 vagas em maio, foram as primeiras a mostrar reversão no emprego.

O ambiente mudou. Desde o fim de 2010, com a elevação da inflação e a retomada do ciclo de aperto monetário associado a fatores externos, o que se vê é a queda da confiança afirma o economista-chefe da CNI, Flávio Castelo Branco.

No setor calçadista, demissões e fábricas no exterior

O economista Jorge Ferreira Braga, da Fundação Getulio Vargas (FGV), destaca que o Índice de Confiança da Indústria (ICI) passou de 109,9 pontos em maio para 107,1 pontos no mês passado, o menor nível desde outubro de 2009. Foram seis quedas consecutivas no semestre:

Aumentou o número de empresas que pretende demitir nos próximos meses e os sinais de desindustrialização já aparecem. A maioria afirma estar sendo prejudicada pelo câmbio.

Das 1.146 empresas consultadas pela FGV, 30,2% pretendem ampliar o quadro de pessoal no trimestre de junho a agosto e 11,3%, reduzi-lo. Em maio, esses percentuais haviam sido de 32,8% e 10,1%, respectivamente.

Empresas tradicionais do setor de calçados, como Vulcabrás e Picadilly, estão preferindo abrir fábricas no exterior. A Vulcabrás, por exemplo, vai abrir uma unidade na Índia, voltada à produção de peças que serão vendidas para o Brasil.

Na Índia, o investimento para montar uma planta é entre 50% e 60% menor do que no Brasil. Vale mais a pena produzir lá e vender para cá afirma o presidente da Abicalçados, Milton Cardoso.

Empresa de celulose suspende projeto de R\$5 bi

No setor de papel e celulose, fraudes na importação e o câmbio desfavorável já fizeram com que a Suzano e a International Paper (as duas maiores produtoras no país) perdessem quase 60% do mercado nacional para produtos importados. E a portuguesa Portucel Soporcel suspendeu um projeto de R\$5 bilhões no Mato Grosso do Sul.

A indústria está sendo detonada diz a presidente da associação setorial, Bracelpa, Elizabeth de Carvalhaes.

Segundo o diretor de Competitividade da Associação Brasileira de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), Fernando Bueno, o nível de emprego está sendo garantido a duras penas:

De cada dez máquinas compradas no Brasil, seis são importadas. Sem medidas de competitividade, isso vai acabar batendo no caixa das empresas, e aí podem começar as demissões. No setor de máquinas, a mão de obra é qualificada e, por isso, as empresas seguram os empregados, mesmo que haja desaquecimento. Mas isso tem limite.

No setor automotivo, as compras externas saltaram mais de 850% nos últimos cinco anos. Mesmo aumentando suas exportações em 23,6% nos cinco primeiros meses do ano, o segmento de autopeças sofre com a entrada de importados. Enquanto as vendas externas somaram US\$4,3 bilhões no período, as importações totalizaram US\$6,1 bilhões, com um crescimento de 20,8%. Como resultado, houve um déficit de US\$1,59 bilhão.

Para o secretário-executivo da Força Sindical, João Carlos Gonçalves, o Juruna, além de dar incentivos às empresas, o governo precisa investir na maior capacitação profissional dos trabalhadores. A posição do Ministério do Desenvolvimento é que não existe desindustrialização no país. A produção está crescendo e as empresas estão contratando, diz o ministro Fernando Pimentel. Mas ele admite que está havendo substituição de insumos e equipamentos por importados.

FONTE: O GLOBO